



EXALTAÇÃO DA SOMBRA
LOURDES CASTRO

EXALTAÇÃO DA SOMBRA LOURDES CASTRO



São Roque

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

SÃO ROQUE RUA DE S. BENTO, 199B § 1250-219 LISBOA § T+F 213 960 734 § SÃO ROQUE^{too} RUA DE S. BENTO, 269 § 1250-219 LISBOA § T 213 970 197
T 962 363 260 § E GERAL@SAOROQUEARTE.PT § WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM

“...Uma sombra tem para mim mais significado do que simplesmente o objecto descrito. É uma maneira de contemplar as coisas e as pessoas à minha volta...” L. C.

Lourdes Castro, artista plástica que me acompanha desde há longa data, veio-me confirmar o que todas as pessoas que por mim passaram, tanto os mais próximos, como os mais “alargados” e ainda, os das minhas viagens com o Mário, meu filho...

Visitando-me ou fugindo-me o sol e a lua, variando a luz, sempre a luz...sombras de Lourdes Castro habitam-me o pensamento.

Só Ela é que tão bem me alertou e falou das pessoas através da sombra...

Convido todas as sombras amigas e conhecidas, e mais as que eu não conheço, a visitar “as sombras” que reunimos da artista no nosso antiquário/galeria.

Parece-me que Lourdes Castro não pode estar presente dia 12.

Pena, estão suas obras, está sua sombra.

Obrigada Lourdes Castro,

Obrigada.



AGRADECIMENTOS §

A Lourdes Castro, Sílvia Chicó, Gabriel Laranjeira Lopes e Carlos Albuquerque pela inestimável colaboração.

TEMPO E CIRCUNSTÂNCIA

Nous marchons sur le toit de l'enfer et regardons les fleurs.
(Haiku citado por Lourdes Castro no filme de Catarina Mourão)

Lourdes Castro é uma artista privilegiada pelo que se pode chamar acerto com o tempo histórico. Viveu em Munique e em Paris nos anos cinquenta-sessenta, anos que exactamente convieram às suas procuras artísticas e que deram o resultado que conhecemos. Anos de profunda viragem, de múltiplas descobertas na arte e na filosofia e sobretudo, de liberdade criativa, Lourdes Castro viveu anos a fio com o seu grupo de amigos artistas, criando juntos, cada um desenvolvendo a sua linguagem, sem a “doença da competição” como a artista referiu. Imaginar o que foram esses anos de Paris, ainda o centro da arte internacional, em que as vanguardas eram quase suaves, menos bélicas e menos ideológicas que as precedentes, em que a arte se libertava de uma série de tabus impostos pelo modernismo, é relembrar também uma época em que a paz da Europa se afirmava, em tempo de crescente prosperidade económica, em que se iam esbatendo os fantasmas da segunda guerra, sendo a Alemanha considerada parceira possível, num pré-projecto de união europeia... Podemos dizer hoje, que viver em Paris era estar no centro do mundo artístico ocidental, era quase impossível não viver um tempo feliz, apesar do doloroso contraste com Portugal. Na cena parisiense, as novidades eram partilhadas e, para portugueses privados de informação actualizada, a possibilidade de estar perto do acontecer da arte contemporânea e dos seus actores, era sem dúvida algo vivido como grande privilégio. Felizes pois, Lourdes Castro e os seus companheiros de aventura de atelier e mais tarde do KWY, livres de pressões académicas e críticas maledicentes, livres de criarem e inventarem a seu bel-prazer sem terem de se inserir em qualquer corrente pré-definida. Quem sabe o que é um bom ambiente de atelier, o estímulo e a interacção de artistas que se ajudam e celebram mutuamente a criatividade, pode avaliar o que acabo de afirmar. E que tão bem se expressa no sorriso de Lourdes Castro, um sorriso de menina feliz, que brinca à vontade com o que lhe apetece brincar. No ludismo permitido nesses anos de libertação ideológica e programática, se alcançaram novas áreas de investigação artística, com desígnios que radicaram nas poéticas próprias de cada artista, que naturalmente colheram do meio urbano culto e cosmopolita, as influências que mais lhes convieram.

ZEN, Yves Klein, Soulages, Millares, Mark Tobey, Cy Twombly, Wolf, Louise Nevelsen, etc. etc.

Contrariamente ao que muitos dizem foi em Paris que conviveram pacificamente os artistas inovadores dos Estados Unidos com os parisienses. A disputa de hegemonias, o ciúme e o chauvinismo, é muito mais uma questão de instituições do que dos artistas, que sempre se alimentaram da arte uns dos outros. A ideia de que Paris e Nova Iorque se tornaram definitivamente dois polos antagónicos, e que o mundo artístico se descen-
trou, é uma noção algo falaciosa. Que o *Nouveau Réalisme* é uma resposta europeia à Pop, etc, etc, uma invenção de Pierre Restany que se esforça para estar *à la page* com a Pop é algo de errado. O tempo da Pop, é internacional, dir-se-ia do *zeitgeist* de então.

Corresponde predominantemente a uma reacção a uma arte difícil e algo radical nas suas últimas fases, que foi o abstraccionismo. Mas celebra e simultaneamente critica, a sociedade de consumo, ilustrando essa crítica com uma variedade de obras que escolhem os suportes mais variados: objectos, cartazes, máquinas, etc. Em termos formais, corresponde simplesmente ao abandono da bidimensionalidade passando da tela para o objecto, ou da tela já não delimitada por uma moldura quadrangular, mas uma tela de contornos irregulares, a chamada *shaped canvas*. O fascínio pelas potencialidades formais da tridimensionalidade é sentido pelos artistas de muitos quadrantes do mundo ocidental e de certo modo corresponde ao romper de um tabu. A arte já não é só para decorar paredes, apresenta-se como um manancial de possibilidades, alegremente contestando regras e atravessando fronteiras, estabelecendo áreas de actuação que ainda hoje se mantêm vigentes. A Pop inglesa abre um caminho e é fundadora de um movimento que hoje se pensa ser americano, mas não o é, originalmente. A noção de divisão entre os centros artísticos de Paris e de Nova Iorque, corresponde pois a uma visão algo simplista, de gente da política e das políticas culturais, que sempre entendeu a arte e os artistas como veículo de demonstração de poder, ostentação, validação de ideologias, etc.

Nos anos cinquenta e sessenta a arte tornou-se cada vez mais internacional e Tobey e Wols, Klein, Degotex, Soulages e muitos mais confluíram num universo comum dos primeiros pintores ocidentais a descobrirem o oriente e o budismo Zen. A noção de vazio como foco de energia cósmica, a contemplação da escrita oriental torna-se inspiradora para um número impressionante de pintores, mesmo para os do KWY. A experiência da caligrafia e da complexidade dessa arte, em que a energia é veiculada pelo gesto preciso e bem calibrado no uso rigoroso dos pincéis, é talvez a explicação do sucesso inquestionável desse olhar para oriente, para o fascínio dos ideogramas lidos como signos plásticos, o que explica o leticismo, o gestualismo, etc. A pintura passa a ser encarada de modo diferente. Para que ela se realizasse como os artistas a desejavam, foi necessária a invenção de novos instrumentos e uso de novos materiais, até então improváveis.

Depois do existencialismo do pós-guerra, foi tempo de explorar o budismo. O terreno era propício à sua adesão e a larguíssima vontade experimental dos artistas abriu caminho às suas várias interpretações. Foi mais uma aprendizagem desse tempo, dessas gerações de artistas e intelectuais que ainda permanece na actualidade. “*O Zen na arte do tiro ao arco*” de Herrigel foi talvez uma das leituras determinantes que Lourdes Castro fez muito jovem, em língua alemã, ainda antes de sair da Madeira aos vinte anos, prévia às experiências de Munique e Paris. Explicar uma artista pelo encontro com uma filosofia? Talvez não. Mas relacioná-la com a geografia onde nasceu não me parece hoje disparatado. A paisagem fabulosa da ilha, o constante jogo das nuvens, que subitamente invadem o ambiente, nuvens não só no céu, mas ao nível dos nossos olhos, aquele permanente “jogo cénico” que transforma o verde em cinza claro, a prodigalidade da vegetação, o paraíso em que a Lourdes menina viveu, é algo que certamente a explica,

que a influenciou e que transparece na sua obra. Ainda hoje se vê na Lourdes filmada na Madeira a sua procura de sintonia com a natureza, o seu deslumbramento e o deleite que lhe provoca o meio verdejante que a envolve, e o desagrado com a invasão de betão que hoje se vê na ilha. Talvez desse ambiente em que as árvores e as plantas eram nomeadas, conhecidas, individualizadas, provenha a sua *sagesse* que a fez viver em harmonia com os seus pares, sem pressa e sem competição, abominando as manobras de autopromoção em que tantas vezes caem os artistas.

Sombra, Desenho, Perfil, Silhueta

Se quisermos especular com o conceito de sombra, desenho, perfil, silhueta, muito se pode especular. Mas entender a génese de linguagem plástica no seu processo de elaboração é, em certos casos, mais elucidativo. As sugestões que são oferecidas aos artistas pela sua investigação, experiência com materiais e com instrumentos, podem constituir-se como fontes poéticas mais potentes do que simples transmissão ou tradução de conceitos. Tomemos como exemplo as sombras: partem da obra, é a realidade física da mesma que as engendra. É o experimentalismo que potencia uma nova função semântica da sombra e a sombra torna-se sujeito independente do objecto. Esta operação a surpresa revelada nessa investigação a potencialidade poética, revelada, decorre do processo, que não anda longe da dos processos de investigação científica. A artista, ao desenhar perfis de pessoas amigas que conhece bem, ao vê-las perfeitamente caracterizadas nas sua silhuetas, espanta-se com essa descoberta que a leva ao encontro de novos mundos e de pares, tanto na arte como na literatura. Uma parte de ludismo está sempre subjacente na obra, percebe-se prazer no uso dos materiais, no descobrir as potencialidades das sombras e na imensa possibilidade de várias projecções que este tema comporta. Desde Chamisso, às sombras da caverna de Platão às sombras românticas à própria semântica da palavra, um mundo se abre, e em várias línguas e culturas. Falando uma linguagem que pode parecer crua a quem procura o inefável poder das sombras, diria para resumir, que Lourdes Castro é uma artista que encontra o tema a sombra, através de um sempre renovado processo de investigação em que a luz, a sombra, a cor, o desenho, o contorno, assumem novo protagonismo. Tal como os seus companheiros e amigos de aventura artística, Lourdes Castro teve o privilégio de viver essa aventura nada despicienda de inaugurar sem peias nem preconceitos novos códigos e novos modos de estar na arte. Mas para além do experimentalismo, contemporâneo das grandes transformações, sente-se na obra de Lourdes Castro desde sempre, um sentido de contemplação da natureza, um olhar extremamente sensível, propício à descoberta das mais variadas coisas. Artista do *Zen avant-la-léttre* Lourdes colheu da sua vivência na ilha o tempo de contemplação e a atenção ao envolvimento natural, ao prazer de fruir os elementos, protegida por um mar sem fim, que só a milhares de quilómetros encontra outras terras.

Caixas, Vidros, Objectos

Ao realizar objectos aproveitando caixas que se transformam em caixas de guardar sombras, naturalmente a artista chega à instalação. Mas antes, os aglomerados de objectos dentro de uma moldura, aí provável a influência de Louise Nevelsen. Vários objectos ao jeito de assemblages unificados e des-significados por uma cobertura homogénea e monocromática, dispositivo potenciador de tantas obras posteriores, da Pop. Desse objectualismo barroquizante e excessivo a artista descobre a sua temática: as, o jogo com sombras e perfis, o relacionamento destes novos dados em materiais também novos na época como o vidro acrílico ou *Plexiglas*. Dessas experiências Lourdes passa à performance ao espectáculo, com o seu notável teatro de sombras. A sua experiência de “fazer retratos” de amigos e perceber que no perfil obtido através da silhueta se evidenciam características da personalidade de cada um, fá-la ver o potencial da linha externa das silhuetas que se revelaram uma espécie de condensação da imagem dos retratados. Mas não é assim que acontece com os grandes retratos, que em síntese retêm a imagem dos modelos? Afinal que energia é essa que sintetiza e representa tão bem os modelos? E porquê o teatro chinês o faz? Estas interrogações foram certamente estímulos que levaram a artista a prender-se por alguns anos às suas sombras e silhuetas. Mas outros elementos entram em cena: as transparências dos acrílicos, das micas, dos vidros, o efeito das sombras que produzem uns sobre os outros. Então, é quase entrar num jogo de espelhos: para além da sombra, a profundidade, o espaço. Ou seja: a imersão no reino da tridimensionalidade. É nesse jogo de leituras e possibilidades oferecidas pelos materiais que surgem os memoráveis lençóis bordados, talvez a obra mais evocativa e mais profundamente original da artista. Aí vemos a representação de uma ausência muito concreta, de alguém que ali esteve e ficou com a imagem fixada, imortalizada, petrificada. Lembra o paradoxo de Pompeia. Imortalização por acção da morte... Todas as figuras de pessoas que estão nos lençóis bordados de Lourdes Castro são de facto pessoas que estiveram nos lençóis. A artista imortalizou esse estar pela captação do perfil e pela laboriosa acção de bordar, outra característica quase cultural de quem é da ilha da Madeira, em que os bordados foram tão desenvolvidos que se transformaram numa indústria. Na Madeira até os homens sabiam bordar. Mas os bordados de Lourdes levantaram voo, quando a artista expôs verticalmente os seus lençóis. Então todo o desenho se alterou. Jogar com os dados da percepção alterando normas não só da arte e da representação, de objectos, mas também da localização dos suportes, modificando posicionamentos tradicionais das obras e oferecendo outras formas de contemplação, foi operação frequente nos anos sessenta, que exigiu maior participação do espectador. Não esqueçamos que nesses anos sessenta Umberto Eco escreve a *Obra Aberta*, obra que foi entusiasticamente recebida por muitos artistas levando a *novos modos de formar*, como diria Eco. Para Lourdes bordar é mais do que relembrar uma actividade de infância, bordar pode ser um exercício Zen, servindo para esvaziar a mente, como varrer o chão do convento, ritual de iniciação frequente, para quem se quer aproximar das práticas budistas.

“Fazer Sair as Sombras da Sombra”

“Fiz sair as sombras da sombra, dei-lhes cores, uma vida independente” afirmou Lourdes Castro. É o que claramente aqui se pode ver, na S. Roque, neste mês de Setembro de 2013.

Trata-se de uma exposição que não pretende ser uma visão global das várias fases da obra da artista, mas que todavia ilustra uma fase que Lourdes nos ajuda a entender, através das suas declarações sobre estes objectos. Sobre o contorno, afirma: “O contorno é o menos que posso ter de alguma coisa, de alguém, conservando as suas características”. “o menos que posso ter” *Less is more?* Talvez. Também o jogo com as transparências, que formam conjuntamente com as luzes, um dispositivo de capital importância no teatro de sombras, aqui está patente, numa obra em que a transparência dos plásticos nos permite ver a exibição de objectos contidos num saco, operação de voluntário realismo conceptual, como no desenho das crianças e dos primitivos. A transparência, é outro tema central na poética de Lourdes Castro. Se a sombra pode ser opacidade, a transparência é a sua complementaridade, presente e amplamente explorada na obra da artista. Jogando com a transparência que como se pode ver em diversas obras expostas, se fazem justaposições de personagens. Também se observa a repetição da imagem, processo de exaltação e simultaneamente neutralização, à maneira de Wharol.

Uma artista como Lourdes Castro não fica conhecida através destas obras, que no fundo são as mais próximas da convenção. Faltam o teatro, as instalações as restantes modalidades que a artista explorou.

Ver através, ver mais além, perscrutar a sombra, impossível não lembrar a alegoria da caverna de Platão. Lourdes mostra-nos quão pouco realmente sabemos ver, abrindo mundos, dizendo-nos que as descobertas da arte podem ser infinitas.

É uma sorte para o nosso país existirem artistas como Lourdes Castro. A sua arte, as muitas coisas que tem para mostrar, o seu trabalho em curso e os seus ensinamentos, merecem maior estudo e divulgação.

Eugaria, 3 de Setembro de 2013

Sílvia T. Chicó

NOTAS BIOGRÁFICAS

Maria de Lourdes Bettencourt de Castro nasceu no Funchal, em Dezembro de 1930.

Aos 20 anos ingressa no curso Especial de Pintura, na Escola Superior de Belas Artes em Lisboa.

No exame final (1956) a artista apresenta uma interpretação muito pessoal de três pinturas de modelo nu, pintadas a verde, amarelo e roxo, que foram reprovadas e excluídas, *pela não conformidade com os cânones académicos de então*. Estes trabalhos, bem reveladores de uma atitude inconformista, marcam o início de um trajecto singular na arte contemporânea do século XX.

Faz a sua primeira exposição individual em 1955, no Funchal. Em 55/56, partilha um estúdio, por cima do café Gelo, no Rossio, com René Bertholo, João Vieira, Escada e Costa Pinheiro e expõe na galeria Pórtico.

Casa com o pintor René Bertholo em 57 e partem para Munique.

Em 1958 instalam-se em Paris onde estuda sob a orientação de Arpad Szenes. Referindo-se à artista, Vieira da Silva escreve a Artur N. de Gusmão, da FCG: *é dotada de real e tangível talento artístico. (...) Poucos nos têm inspirado tanta confiança e esperanças como a Maria de Lourdes*.

De 58 a 63 publica, com os seus amigos de sempre, a Revista “KWY: *Da abstracção lírica à nova figuração*” - as três letras que não existem no alfabeto português. Mais do que uma revista é um objecto artístico, impresso à mão, onde se misturam serigrafias originais com fragmentos de objectos, fotografias, imagens, ao mesmo tempo que promovem exposições.

Em 1961 aposta na criação artística, o *Nouveau Réalisme*, com objectos que acumula – as *assemblages-collages*.

É em 1962 que trabalha as primeiras sombras: sombras projectadas e contornos de pessoas em serigrafias e sobre tela. O conceito de sombra irá tornar-se a peça central em toda a sua obra.

Rapidamente abandona a tela (1964) ao descobrir o *Plexiglas*, que lhe permite dar uma maior transparência e luminosidade às suas sombras: pinta e recorta em placas coloridas com cor uniforme – o vermelho, o azul ou o verde - jogando com a sua sobreposição ou gerando efeitos de transparência e opacidade. As sombras representam sempre amigos muito próximos, deliberadamente não identificados, para não interferir com a interpretação da obra. Só muitos anos depois, lhes atribuiu o respectivo nome.

A partir de 1968 começa a projectar as suas sombras em lençóis, “deitando as sombras”. A surpresa do efeito das sombras projectadas na horizontal e não na vertical, encantou-a, sendo os contornos destas peças bordados pela própria artista.

Prosseguindo o trabalho com sombras, inicialmente impressas em serigrafia, posteriormente pintadas em tela, recortadas em *Plexiglas* e bordadas em lençóis, a partir de 1973 projecta - as num ecrã – um teatro de sombras em movimento, em que o seu próprio corpo intervém. Inspirando-se na tradição milenar chinesa, no *happening* e nos primórdios do cinema, juntamente com Manuel Zimbro, criam espectáculos de teatro de sombras onde o discurso são as imagens de um quotidiano familiar.

Retira-se de uma vida artística intensa, regressando à Madeira em 83, depois de 25 anos em Paris, onde construirá com Manuel Zimbro uma casa e um jardim que assume como *uma pintura de um hectare*.

Exposições

- 1954 Centro Nacional de Cultura, Lisboa;
- 1955 Clube Funchalense, Funchal;
- 1959 V Bienal de S. Paulo, Brasil;
- 1960 Grupo KWY, Universidade de Saarbrücken, SNBA, Lisboa;
- 1961 1ª Bienal de Paris;
- 1962 Autonome Architectur, Stedelijk Museum, DELFT;
- 1964 Salon de Mai, Paris;
- 1965 Galerie Buchholz, Munique (ind.);
- 1966 Stattliche Kunsthalle, Baden-Baden; Galerie Edouard Loeb, Paris (ind.); Schèmes 66, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris;
- 1967 Indica Gallery, Londres; Limhamns Konstförening, Malmö (ind.); Aktual Art International, San Francisco Museum of Art; VI Biennial di S. Marino Nuove Tecniche d'Immagine;
- 1968 Galerie Handschin, Basel; Galerie Ernst, Hannover (ind.);
- 1969 Galerie Reckermann, Colónia (ind.); Galerie Lüpke, Frankfurt (ind.);
- 1970 Gallery 20, Amsterdão (ind.);
- 1971 Exposição 10 ans d'Art Portugais à Paris, F. C. Gulbenkian, Paris;
- 1972 Galerie National, Praga (ind.);
- 1976 Museo de Arte Moderno J. Soto, Ciudad Bolivar, Venezuela (ind.);
- 1978 Galerie Jean Briance, Paris (ind.);
- 1980 Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, Madeira (ind.);
- 1981 XVI Bienal de S. Paulo – Arte Postal;
- 1985 Mail Art, Postmuseum, Estocolmo;
- 1992 “Além da Sombra”, F. C. Gulbenkian, Lisboa (ind.);
- 1995 “Lourdes Castro et Montrouge au Portugal”, Salon Montrouge, Paris (ind.);
- 1997 Pop’60s, Centro Cultural de Belém, Lisboa ;
- 1998 XXIV Bienal de S. Paulo;
- 1999 Opening exhibition for CIRCA 1968, F. de Serralves, Porto;
- 1999 Arco 99, Galeria Porta 33, Madrid;
- 1999 “A Indisciplina do Desenho”, F. Cupertino de Miranda, Famalicão;
- 2000 Festival de Arte Contemporânea, Marca-Madeira, Funchal;
- 2002 O Grande Herbário de Sombras, F. C. Gulbenkian, Lisboa (ind.);
- 2003 “Sombras à volta de um Centro”, F. Serralves, Porto (ind.);
- 2005 “À Sombra”, Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa (ind.);
- 2010 “À Luz da Sombra”, Lourdes Castro e Manuel Zimbros, F. Serralves.
- 2013 “À Distância Linha de Horizonte”, Lourdes Castro e Manuel Zimbros, Chiado 8 Arte Contemporânea, Lisboa.

Multimédia

- 2010 “Pelos Sombras”, Catarina Mourão, Coleção Arte & Artistas, Lisboa Midas Filmes.

O seu trabalho tem sido galardoado com os seguintes prémios:

- 2004 Prémio CELPA/Vieira da Silva;
- 2000 Grande Prémio EDP, Lisboa;
- 1995 Medalha do Concelho Regional Salon de Montrouge, Paris.

A sua obra encontra-se em diversas coleções públicas e privadas, tais como:

- Victoria e Albert Museum, Londres
- Museu de Arte Moderna, Havana
- Museu de Arte Moderna, Belgrado
- Museus Nacionais de Varsóvia, Wrocław e Lódz
- Centro de Arte Moderna, FCG, Lisboa
- Fundação de Serralves, Porto



EXALTAÇÃO DA SOMBRA
LOURDES CASTRO

01. "JARRA DE FLORES", LISBOA 1955

Gouache s/ papel; assinado e datado c.i.e.; 44,0 x 29,0 cm

D 873

"JARRA DE FLORES", LISBOA 1955

Gouache on paper; signed and dated; 44,0 x 29,0 cm

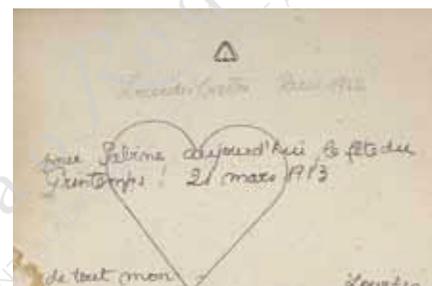
Ex-colecção: / Former collection:

- Arq. Carlos Ramos

Figurou em: / Exhibited in:

- Exposição S. N. de Belas Artes, Lisboa 1956





02. "PORTE BONHEUR", PARIS 1962

Colagem e papel serigráfico s/ cartão; assinado e datado no verso; 22,5 x 33,0 cm

D 779

"PORTE BONHEUR", PARIS 1962

Collage and serigraphic paper on cardboard; signed and dated; 22,5 x 33,0 cm

Dedicatória no verso: / The back noted:

"Pour Sabine aujourd'hui, la fête du Printemps! 21 mars 1983, de tout mon coeur, Lourdes."

Ex-Coleção: / Former Collection:

- Sabine Monirys, Paris



03. "SOMBRA PROJECTADA DE SABINE MONIRYS", PARIS 1964

Acrílico e tinta gliceroftálica sobre tela; assinado e datado c.i.e.; 65,0 x 54,0 cm
D 778

"SOMBRA PROJECTADA DE SABINE MONIRYS", PARIS 1964

Acrylic and glycerophthalic ink on canvas; signed and dated; 65,0 x 54,0 cm

Ex-Colecção: / Former Collection:

- Sabine Monirys, Paris

Figurou em: / Exhibited in:

- "Lourdes Castro e Manuel Zimbro: À Luz da Sombra", F. Serralves, Porto 2010

- "Além da Sombra", F. C. Gulbenkian - C. A. M., Lisboa 1992

- Múltiplas Exposições Internacionais (L. C.)

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Além da Sombra", F. C. G., 1992, p. 81



Ronalds Castro 1964

04. "SOMBRAS PROJECTADAS DE CHRISTINE E SAMUEL BURI", PARIS 1966

Tinta gliceroftálica s/ 3 placas de *Plexiglas* recortado manualmente; assinado e datado c.i.e.; 100,0 x 100,0 cm

D 719

"SOMBRAS PROJECTADAS DE CHRISTINE E SAMUEL BURI", PARIS 1966

Glycerophthalic ink on 3 sheets of hand cutted *Plexiglas*; signed and dated; 100,0 x 100,0 cm

Figurou em: / Exhibited in:

- "Lourdes Castro e Manuel Zimbro: À Luz da Sombra", F. Serralves, Porto 2010
- "Além da Sombra", F. C. Gulbenkian – C. A. M., Lisboa 1992
- *Múltiplas Exposições Internacionais* (L. C.)

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Além da Sombra", F. C. G., 1992, p. 88



05. "SOMBRAS PROJECTADAS DE GENEVIÈVE E TONY MORGAN", PARIS 1966

Tinta gliceroftálica s/ 3 placas de *Plexiglas* recortado manualmente; assinado e datado c.i.d.; 73,5 x 72,0 cm

D 859

"SOMBRAS PROJECTADAS DE GENEVIÈVE E TONY MORGAN", PARIS 1966

Glycerophtalic ink on 3 sheets of hand cutted *Plexiglas*; signed and dated; 73,5 x 72,0 cm

Nota da Autora: / Author's note:

"Certifico a autenticidade deste meu trabalho... com a numeração 2/3 dado que havia feito três com o mesmo desenho. Pintura e recorte são feitos à mão por mim própria donde são peças únicas e não se trata de uma edição." L. C.

Figurou em: / Exhibited in:

- "Lourdes Castro e Manuel Zimbro: À Luz da Sombra", F. Serralves, Porto 2010
- "Além da Sombra", F. C. Gulbenkian – C. A. M., Lisboa 1992
- Múltiplas Exposições Internacionais (L. C.)

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Além da Sombra", F. C. G., 1992, p. 93

Ex-coleção: / Former Collection:

- F. Becht; Naarden, Holanda



06. "POCHETE DES OMBRES", 1967

Rodhoïd recortados à mão; assinado e datado; 15,0 x 10,0 cm; peça única

D 883

"POCHETE DES OMBRES", 1967

Hand cutted *Rodhoïd*; signed and dated; 15,0 x 10,0 cm; original work



07. "SOMBRA PROJECTADA DE ISAURA MONIZ DE BETTENCOURT", PARIS 1969

Almofada: recorte e bordado s/ tecido de algodão; assinado c.i.e.; não datado; 56,5 x 56,5 cm

D 782

"SOMBRA PROJECTADA DE ISAURA MONIZ DE BETTENCOURT", PARIS 1969

Pillow: hand embroidery on fabric; signed; undated; 56,5 x 56,5 cm

Ex-Coleção: / Former Collection:

- Sabine Monirys, Paris



08. "BRANCO E BRANCO", PARIS 1966

2 placas de Plexiglas – 2/10; assinado e datado c.i.e.; 46,0 x 40,0 cm
D 875

"BRANCO E BRANCO", PARIS 1966

2 sheets of Plexiglas – 2/10; signed and dated; 46,0 x 40,0 cm

Nota: / Note:

Segundo informação da artista estes trabalhos foram executados manualmente com a ajuda de René Bertholo.

According to the artist all pieces were executed manually by Lourdes Castro with the aid of René Bertholo.

Figurou em: / Exhibited in:

- "Lourdes Castro e Manuel Zimbro: A Luz da Sombra", F. Serralves, Porto 2010
- "Além da Sombra", F. C. Gulbenkian – C. A. M., Lisboa 1992
- KWY, Centro Cultural de Belém, Lisboa 2001
- Múltiplas Exposições Internacionais (L. C.)

Reproduzido em: / Illustrated in:

- Revista Colóquio Artes nº46, Dezembro 1967
- "Além da Sombra", F. C. G., 1992, p. 99
- "KWY, Paris 1958 – 1968", Assírio e Alvim, 2001, p. 196

Ex-coleção: / Former Collection:

- F. Becht; Naarden, Holanda



09. "SOMBRAS PROJECTADAS DE CYNTHIA E WADE", PARIS 1968

2 placas de Plexiglas – 6/50; assinado e datado c.i.d.; 50,0 x 50,0 cm

D 884

"SOMBRAS PROJECTADAS DE CYNTHIA E WADE", PARIS 1968

2 sheets of Plexiglas – 6/50; signed and dated; 50,0 x 50,0 cm

Nota: / Note:

Segundo informação da artista estes trabalhos foram executados manualmente com a ajuda de René Bertholo.

According to the artist all pieces were executed manually by Lourdes Castro with the aid of René Bertholo.

Certificado da artista atestando tratar-se de uma obra original. / Certified by the artist.

Ex-colecção: / Former Collection:

- Julien G. Alonso, Paris



10. **"SOMBRA PROJECTADA DE ARROYO", PARIS 1968**

Plexiglas – 8/25; assinado e datado c.i.d.; 45,0 x 34,0 cm

D 852

"SOMBRA PROJECTADA DE ARROYO", PARIS 1968

Plexiglas – 8/25; signed and dated; 45,0 x 34,0 cm

Nota: / Note:

Segundo informação da artista estes trabalhos foram executados manualmente com a ajuda de René Bertholo.

According to the artist all pieces were executed manually by Lourdes Castro with the aid of René Bertholo.

Figurou em / Exhibited in:

- "Lourdes Castro", Galeria 111, Lisboa 1970
- "Além da Sombra", F. C. Gulbenkian – C. A. M., Lisboa 1992
- Múltiplas Exposições Internacionais (L. C.)

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Lourdes Castro", Galeria 111, 1970, p. 10
- "Além da Sombra", F. C. G., 1992, p. 100



11. **TEATRO DE SOMBRAS, PARIS 1974**

Tinta e serigrafia s/ papel vegetal; assinado e datado c.i.d.; 40,0 x 30,0 cm

D 882

TEATRO DE SOMBRAS, PARIS 1974

Ink and silkscreen on tracing paper; signed and dated; 40,0 x 30,0 cm

Nota: / Note:

Cartaz feito pela artista para a edição especial do "Teatro de Sombras" – 1º Programa, no Teatro de Orsay Renaud – Barrault.

Poster of the special editon of the "Teatro de Sombras" – 1st Program, at Orsay's Theatre Renaud – Barrault.

Ex-colecção: / Former Collection:

- Julien G. Alonso, Paris

invitées par le Grand Magie Circus



au théâtre d'Orsay Renaud-Carrault
gare d'Orsay, Paris à partir du
2 juillet tous les soirs à 11 h.



de Lourdes Castro

12. "SOMBRAS PROJECTADAS DE RENDAS E OBJECTOS", PARIS 1963

Serigrafia s/ papel – 70/100; assinado c.i.e.; não datado; 60,0 x 41,0 cm

D 879

"SOMBRAS PROJECTADAS DE RENDAS E OBJECTOS", PARIS 1963

Silkscreen print on paper – 70/100; signed; undated; 60,0 x 41,0 cm

Nota: / Note:

Segundo a informação da artista trata-se de uma das primeiras serigrafias sobre papel que efectuou.

According to the artist this is one of the first silkscreen prints on paper executed by Lourdes Castro.

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "KWY, Paris 1958 – 1968", Assírio e Alvim, 2001, p. 177

Edição: / Edition:

Baier; Mainz



10/100

Lourdes Castro 83

13. "SOMBRA DE UMA ALGIBEIRA DE AVENTAL", 1967

Plástico – 29/200; assinado e datado c.i.d; 74,0 x 60,0 cm

D 881

"SOMBRA DE UMA ALGIBEIRA DE AVENTAL", 1967

Plastic – 29/200; signed and dated; 74,0 x 60,0 cm

Edição: / Edition:

Lüpke; Frankfurt



14. "SOMBRA PROJECTADA DE MAURICE HENRY", 1968

Rodhoid – 109/110; assinado c.i.d.; não datado; 56,0 x 46,5 cm

D 885

"SOMBRA PROJECTADA DE MAURICE HENRY", 1968

Rodhoid – 109/110; signed; undated; 56,0 x 46,5 cm

Edição: / Edition:

Prent; Amsterdam



15. "SOMBRA DEITADA", 1969

Almofada s/ tecido de algodão – 14/75; assinado c.i.e.; não datado; 38,0 x 38,0 cm

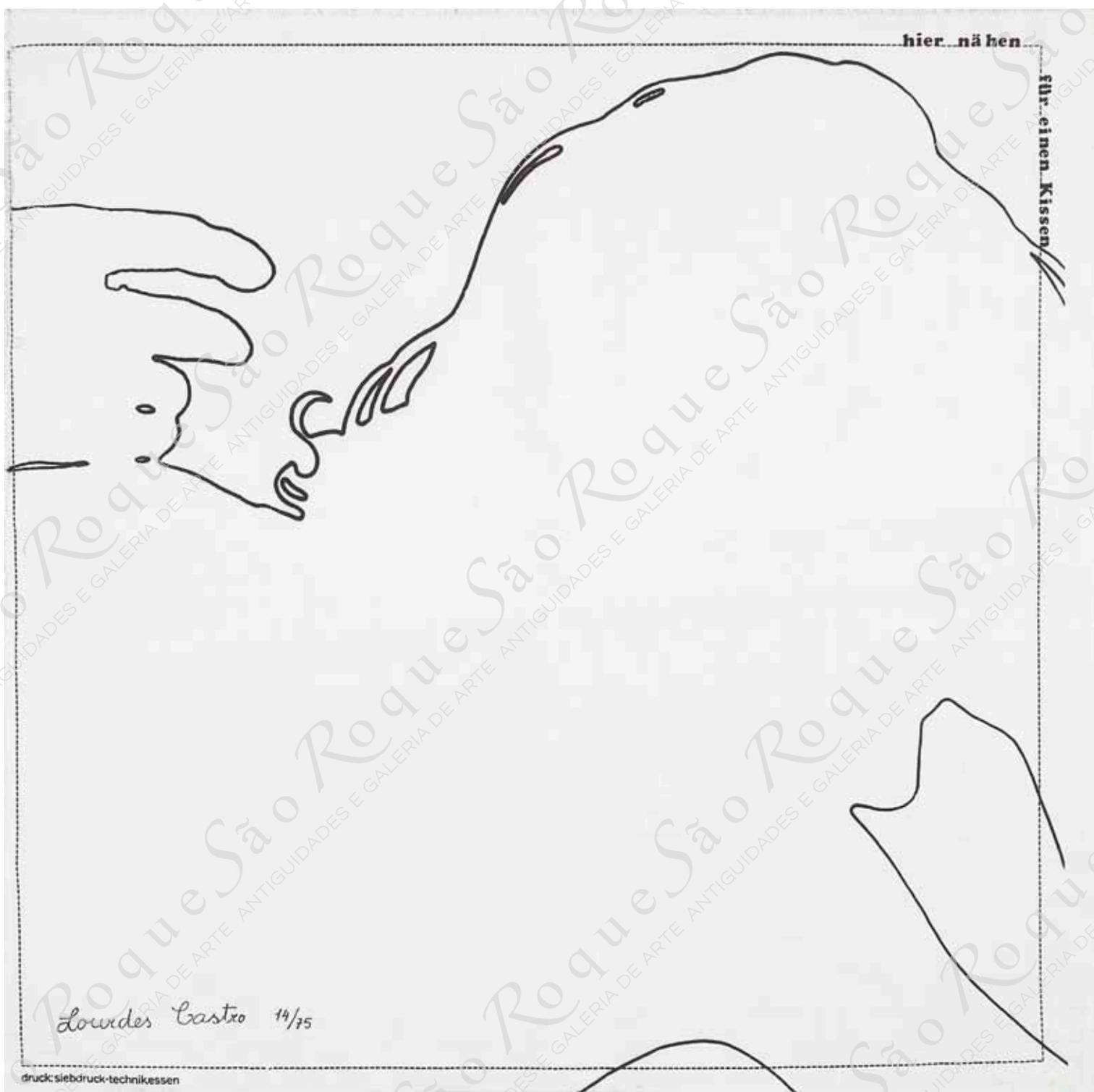
D 880

"SOMBRA DEITADA", 1969

Pillow on fabric - 14/75; signed; undated; 38,0 x 38,0 cm

Edição: / Edition:

Thelen; Essen



hier. nähen

für einen Kissen

Louides Castro 14/75

druck: siebdruck-techniken

16. "SOMBRA PROJECTADA DE ANJA", 1969

Rodhoid – 12/190; assinado c.i.e.; não datado; 50,5 x 40,5 cm

D 886

"SOMBRA PROJECTADA DE ANJA", 1969

Rodhoid – 12/190; signed; undated; 50,5 x 40,5 cm

Edição: / Edition:

Wuppertal Museum



17. "SOMBRA PROJECTADA DE HANLOR", 1970

Rodhoid – 33/120; assinado c.i.e.; não datado; 57,5 x 50,0 cm
D 877

"SOMBRA PROJECTADA DE HANLOR", 1970

Rodhoid – 33/120; signed; undated; 57,5 x 50,0 cm

Edição: / Edition:

Hanver; Hannover



18. "SOMBRA PROJECTADA DE ANDRÉ MORAIN", 1970

Rodhoid – 98/190; assinado c.i.e.; não datado; 57,5 x 50,0 cm

D 878

"SOMBRA PROJECTADA DE ANDRÉ MORAIN", 1970

Rodhoid – 98/190; signed; undated; 57,5 x 50,0 cm

Edição: / Edition:

Prent; Amsterdam



19. "SOMBRA PROJECTADA LARANJA", LISBOA 1970

Rodhoid – 36/100; assinado c.i.e.; não datado; 57,5 x 49,0 cm
D 735

"SOMBRA PROJECTADA LARANJA", LISBOA 1970

Rodhoid – 36/100; signed; undated; 57,5 x 49,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Lourdes Castro no C. A. Manuel Brito", p. 15

Edição: / Edition:

G. 111; Lisboa



20. "SOMBRA PROJECTADA DE MEDALLA", 1970

Rodhoid – 67/190; assinado c.i.d.; não datado; 49,0 x 51,0 cm

D 876

"SOMBRA PROJECTADA DE MEDALLA", 1970

Rodhoid – 67/190; signed; undated; 49,0 x 51,0 cm

Edição: / Edition:

Prent; Amsterdam



21. "FURROWS", 1974

Poema de Stevenson Wade 1968 + 7 serigrafias s/ cartolina – 16/20
 Assinado c.i.d.; não datado; 90,0 x 70,0 cm
 D871

"FURROWS", 1974

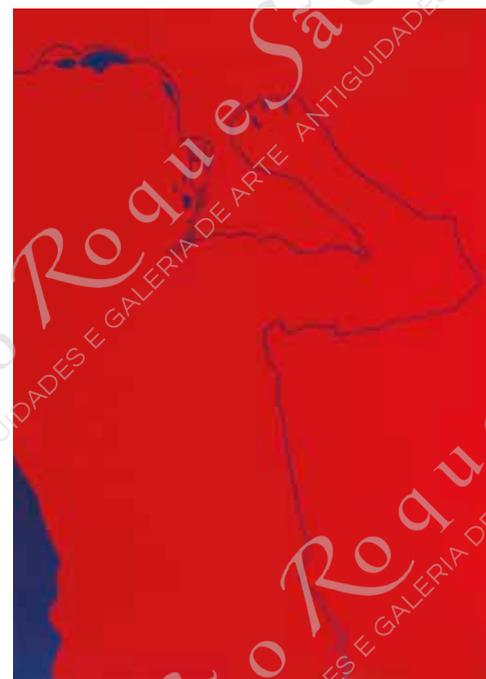
Poem by Stevenson Wade 1968 + 7 coloured screenprinted plates - 16/20
 Signed; undated; 90,0 x 70,0 cm

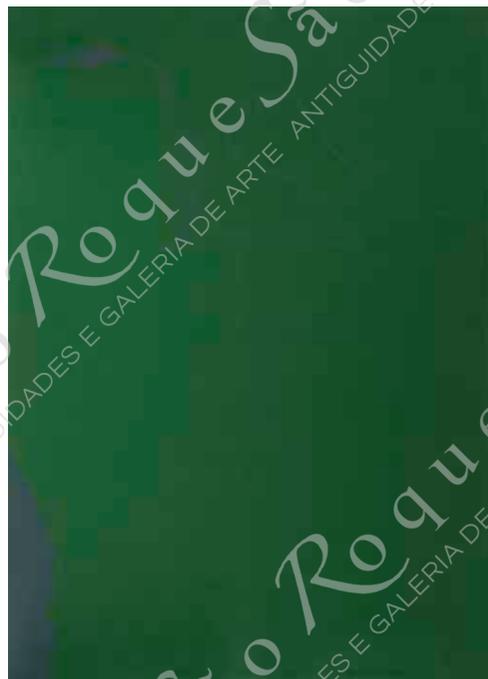
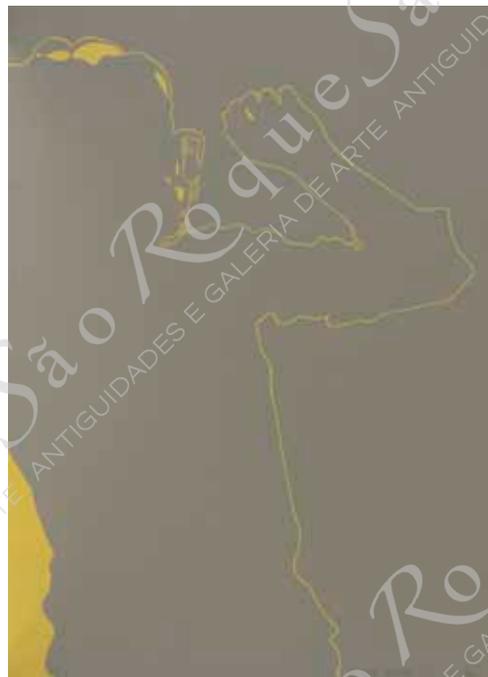
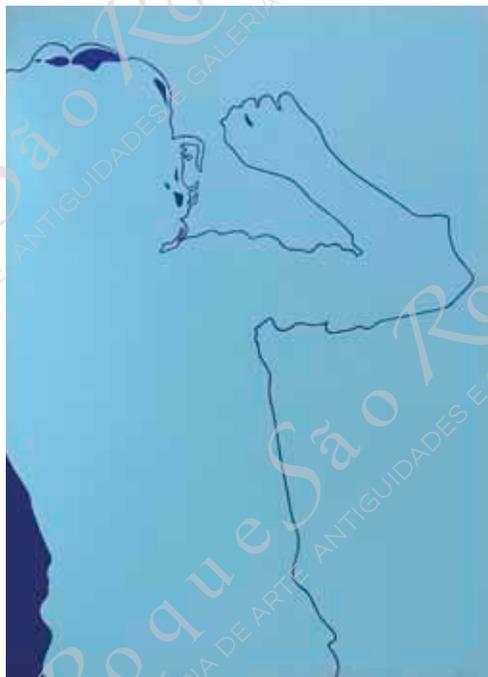
Figurou em: / Exhibited in:

- "Viagem ao Fim da Cor: Livros e Obras Impressas", F. Serralves, Porto 2013

Edição: / Edition:

Schraenen; Antwerpen





22. "OMBRE VERTE", PARIS 1974

"Pâte de Verre" DAUM – 96/150; assinado; não datado; 30,0 x 33,0 cm

D 591

"OMBRE VERTE", PARIS 1974

"Pâte de Verre" DAUM – 96/150; signed; undated; 30,0 x 33,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Lourdes Castro no C. A. Manuel Brito", p. 26

Certificado de Autenticidade: / Certificate of Authenticity:

Cristallerie DAUM



SÃO ROQUE, ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE RUA DE S. BENTO, 199B e 269, 1250-219 LISBOÁ T+F 213 960 734 T 962 363 260 E GERAL@SAOROQUEARTE.PT
E MARIOROQUE@NETCABO.PT \$\$\$\$\$\$ WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM \$\$\$\$\$\$ COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO MARIA HELENA ROQUE, MÁRIO ROQUE,
ANTÓNIO AFONSO LIMA, GRAÇA LOMELINO E ANA ANAHORY \$\$\$\$\$\$ EDIÇÃO SÃO ROQUE \$\$\$ FOTOGRAFIA JOÃO KRULL \$\$ EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM
EDUARDO PÚLIDO E EPÚLIDO@CASEFAZ.COM \$ DESIGN JOSÉ MENDES GRAPHIC DESIGN STUDIO E JMENDESIGN@MAC.COM \$ TIPOGRAFIA CHAPARRAL PRO DE
CAROL TWOMBY \$\$\$ PRÉ PRESS BBCE, COMUNICAÇÃO E EVENTOS \$\$ IMPRESSÃO E ACABAMENTO NORPRINT SA \$\$ DEPÓSITO LEGAL 315994/13 \$\$ TIRAGEM 800
EXEMPLARES \$\$\$\$ SETEMBRO DE 2013 INTERDITA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL \$\$\$\$\$\$ ©SÃO ROQUE 2013



HENDRICK'S
WHISKY OF DISTILLATION HENGLAND
GIN

CHIVAS
LIVE WITH CHIVALRY



São Roque

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

SÃO ROQUE RUA DE S. BENTO, 199B § 1250-219 LISBOA § T+F 213 960 734 § SÃO ROQUE^{teo} RUA DE S. BENTO, 269 § 1250-219 LISBOA § T 213 970 197
T 962 363 260 § E GERAL@SAOROQUEARTE.PT § WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM